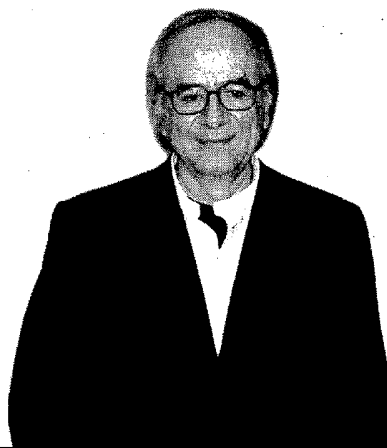


# A utopia de um mundo melhor

NOME **Boaventura de Sousa Santos**  
 IDADE **55 anos**  
 PROFISSÃO **Sociólogo, Professor catedrático da FEUC**  
 NATURALIDADE **Coimbra**  
 SIGNO **Escorpião**  
 PASSATEMPO **Colecciona Cristos**

PAULA ALEXANDRA ALMEIDA



“Não há muita gente assim”, resume o compositor António Pinho Vargas em relação ao seu amigo Boaventura de Sousa Santos. “Ainda antes de o conhecer pessoalmente já tinha uma enorme admiração pelo seu trabalho intelectual. Quando o conheci apareceu-me uma pessoa, que para além da admiração que já existia, acrescentou um lado humano absolutamente admirável”, que assegura. “continua a ser de uma extraordinária simpatia e simplicidade”.

Já para Juan Carlos Monedero, professor de Ciência Política na Universidade Complutense de Madrid, “é um dos sociólogos mais criativos do actual panorama intelectual, com uma grande capacidade de inovação tanto na linguagem que usa, carregada de imagens, símbolos e intuições, como nos conteúdos e propostas. Longe de percorrer caminhos já trilhados, abre novos caminhos na investigação e na escrita”.

Natural de Coimbra, onde nasceu na Rua da Alegria a 15 de Novembro de 1940, Boaventura de Sousa Santos tornou-se um curioso fenómeno de popularidade, particularmente em Portugal e no Brasil, algo nunca antes verificado com um cientista social. Em 1996 ganhou o Prémio Gulbenkian de Ciência e no mesmo ano foi condecorado como Grande Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada, pelo Presidente da República portuguesa, e como Grande Oficial da Ordem de Rio Branco, pelo presidente brasileiro.

Segundo o filósofo e historiador Fernando Catroga, “consegue reunir muitas virtudes que, infelizmente, nem todos os académicos conjugam como sejam uma grande inteligência e capacidade de imaginação”. É um “poeta cientista mas

também faz da sua ciência poesia”, afirma.

“Continua a perseguir, não digo o impossível, mas aquilo que acha que pode, com a ajuda da clarividência racional e da ousadia da acção, melhorar o mundo. Daí o seu espírito inquieto que se traduz numa produção com livros marcantes no campo das ciências humanas em Portugal, que reforçou o seu prestígio interno e, em particular, deu um grande contributo para a internacionalização dos cientistas sociais em Portugal”.

Claro que, assinala ainda Fernando Catroga, “quem assim se coloca tem que provocar, por lado divergências, que são as salutares divergências do mundo académico, mas também, há que dizê-lo, alguma mesquinhez, e porque não, ciúmes, em relação a um prestígio que se tem consolidado de ano para ano e que, de facto ultrapassou fronteiras”.

## Cidadão do mundo

Efectivamente, há muito que o trabalho de Boaventura de Sousa Santos ultrapassou a barreira da língua portuguesa. Os seus numerosos trabalhos publicados sobre globalização, sociologia do direito, epistemologia, democracia e direitos humanos encontram-se traduzidos em espanhol, inglês, italiano, francês e alemão.

Director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde é coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa, e director do Centro de Documentação 25 de Abril, Boaventura de Sousa Santos é também, desde 2001, Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison, EUA, tendo dado aulas em diversas outras universidades estrangeiras, no-

meadamente a London School of Economics e a Universidade de São Paulo.

Licenciou-se em Direito, em Coimbra, em 1963, partindo depois para Berlim, onde frequentou um curso de pós-graduação, seguindo-se os Estados Unidos, em 1969, onde concluiu o doutoramento em Sociologia do Direito, em Yale, em 1973. Em Berlim colaborou para que muita gente passasse de Leste para Oeste. Enquanto estrangeiro podia passar o muro sem autorização especial desde que por menos de 24 horas, e assim trazia, entre as meias e os sapatos, cartas de jovens estudantes que queriam fugir para Ocidente.

No regresso, e antes de partir para os EUA, ainda foi assistente na Faculdade de Direito de Coimbra e o advogado João Pedroso, seu aluno, assegura que com ele “aprendeu tudo” e sobretudo “que o Direito não são só normas”. Considera-o “exigente” e garante que, apesar de ausente é uma pessoa “de onde vêm sempre boas ideias”.

Conhecido pelo seu empenhamento nos projectos em que se envolve, destaca-se no seu curriculum, os seis meses que viveu numa favela do Rio de Janeiro. Experiência que considera ter sido extraordinária e fundamental na sua formação enquanto cientista e cidadão activo.

Durante parte da sua juventude foi militante católico progressista. Tentou democratizar o CADC até perceber que a Igreja católica em Portugal nunca iria ser progressista. Abandonou então a religião e afirma que foi depois disso que começou a coleccionar Cristos. Possui várias centenas de exemplares, diferentes, de diferentes regiões do mundo, incluindo, naturalmente, Portugal, a mais antiga do século XVI.

Natércia Coimbra, sua colaboradora mais directa no CD25 de Abril, destaca a “força que põe nos projectos, a forma como nos apoia e, sobretudo, também a forma como descentraliza, confia nas pessoas e acredita no que faz”. É, assegura, “uma personagem única, de uma craveira intelectual como creio que há poucos no país?”. Considerando que tem sido um privilégio conviver com Boaventura de Sousa Santos, confessa que “gostaria de poder assistir ainda a muitos sucessos, porque projectos ele tem muitos. Assim o país o consiga entender”.

## O trabalho enquanto prazer

E efectivamente Boaventura de Sousa Santos confessa a sua enorme curiosidade em saber como é que as sociedades funcionam e o seu curriculum impressiona pela capacidade de trabalho que pressupõe. O que justifica dizendo que não sabe o que é tempo livre e que nunca fez férias que durassem mais do que meia hora.

Numa entrevista ao jornalista Jorge Massada, reproduzida no livro “Vale a pena ser cientista, II”, afirma que tem procurado fazer um trabalho que lhe dê prazer. “Não há emancipação social sem emancipação individual e não há emancipação sem alegria, sem prazer, sem gozo”, refere. “As pessoas trabalham tanto mais quanto mais gozo lhes der o trabalho, quanto mais variado for. Há pessoas que têm depressões, que se cansam porque precisamente o seu trabalho é monótono e estão alienadas. Se cada um tiver a sorte de fazer um trabalho não alienado trabalha muito mais e não sente necessidade de tempos livres. Talvez seja esta a utopia de um mundo melhor”.